

A série de filmes “Matrix”, idealiza e ilustra um cenário onde a tecnologia evoluiu a ponto de subjugar a humanidade completamente, nesse cenário as ferramentas digitais acabam por desenvolver seu potencial de forma descontrolada. Saindo da ficção, por mais que esse futuro distópico seja de certa forma exagerado, a capacidade do meio tecno-informacional é inegável, por meio dessas criações humanas todo tipo de tarefa é potencializada, com ela a obtenção de conhecimento e a propagação de informação estão em patamares nunca vistos. Nesse sentido, devido a todos esses benefícios, a inclusão digital deve ser encarada como urgente, pois o seu contrário é um grande perpetuador, agravador e construtor de desigualdade.

Em primeiro lugar, a falta de ciência e destreza perante ao meio digital deixa o indivíduo “passos atrás” do resto da sociedade. De acordo com a visão de Karl Marx sobre superestrutura, ela seria uma estrutura mantenedora das classes dominantes no poder, por meio dela tal grupo exerce uma pressão ideológica de autoridade. Nessa perspectiva, o meio digital é, no mundo hodierno, parte da superestrutura, tal fato fica explícito quando um estudo da FGV aponta que as cidades com maior inclusão digital são as de maior renda per capita.

Consonantemente, se a população mais pobre, em grande parte, não dispõe de conectividade, o fato moderno da educação online, a aquisição de cultura em grande escala e a rápida aquisição informacional não chegam a esses cidadãos. Segundo dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) apenas 30% das residências das classes D e E tinham internet em 2017. Nesse contexto, essas famílias se tornam reféns de sua condição socioeconômica, pois elas são privadas, ou no mínimos dificultadas por não dispor das facilidades dos inclusos digitais.

Portanto, a meta da inclusão digital é uma pauta que carece de enorme atenção, uma vez que se ela não acontecer a sociedade irá em direção à uma nefasta injustiça, não serão as máquinas que controlarão os humanos como em Matrix, mas sim as classes dominantes que serão cada vez mais hegemônicas, e os excluídos jogados para escanteio. É preciso, então, que ações construtoras da inclusão sejam tomadas, para tal o Ministério da Educação e Cultura, aliado ao Ministério da Tecnologia, deve criar a “casa comunitária da conectividade”, a qual será implantada para comunidades carentes, fornecendo o meio e a instrução para interação digital de modo a agendar horário para um técnico tirar a dúvida e ensinar o potencial dessa ferramenta. Destarte, ao incluir de forma correta as pessoas ao meio digital, espera-se que o abismo social se torne cada vez menor.